

## ATENAS TRINTA ANOS DEPOIS

Maria Vitalina Leal de Mattos  
Universidade de Lisboa  
Sociedade Científica UCP



No verão de 1986, o João Carlos e eu, fomos passar uma semana em Atenas.

Um amigo grego, que conhecêramos há muito em Paris, Georgios K., acabara de casar e convidou-nos para sua casa: vivia num pequeno prédio na Plaka, o bairro que cresceu no sopé da Acrópole, um bairro popular, aquilo que para Lisboa será, talvez, Alfama.

A semana foi inesquecível: o João Carlos lembra sempre como nos receberam no terraço, com vinho branco fresco e uns pêssegos deliciosos.

---

<sup>1</sup> É professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo-se consagrado regularmente à docência universitária, sobretudo no âmbito da Literatura Portuguesa Clássica, privilegiando em especial os estudos camonianos, para cuja renovação e aprofundamento tem contribuído decisivamente. Frequentou, em Paris, seminários da École Pratique des Hautes Études, tendo trabalhado sob a orientação de A. J. Greimas e Gérard Genette. Dirigiu a Revista da Faculdade de Letras entre 1986 e 1988. Membro de diversas associações culturais e outras organizações portuguesas e estrangeiras, designadamente do Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO (1985-1988) e da Comissão Nacional da Língua Portuguesa (1989), proferiu inúmeras conferências, tanto em Portugal como em outros países da Europa e no Brasil, participou em múltiplas reuniões científicas e publicou ensaios nas revistas *Estudos Portugueses*, *Oceanos*, *Românica*, *Arquipélago*, *Brotéria* e nos *Arquivos do Centro Cultural Português*. Colaborou no *Dicionário de Literatura* (dirigido por Jacinto do Prado Coelho), no *Dicionário Biográfico Universal de Autores* e na *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Em 1998, fez parte do júri do prémio da crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários. É comendador da Ordem do Mérito e "Officier de l'Ordre National du Mérite" (França). Como investigadora e ensaísta, publicou várias obras, entre as quais se destacam *Camões - Este Meu Duro Génio de Vinganças* (2010); *Tópicos para a Leitura de Os Lusíadas* (2004); *Introdução aos Estudos Literários* (2001); *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa e Outros Ensaios Pessoaanos* (1993) e *Ler e Escrever* (1987).

Ele tinha formação jurídica, e exilara-se em Paris, durante a ditadura dos coronéis; fizera o curso da ENA, prestigiadíssimo, e desempenhara um cargo de grande importância – Director de Exportação, no Instituto Pasteur, onde o João Carlos estagiara. Na sequência desse estágio, o Instituto Luso-Fármaco, onde o João Carlos trabalhou sempre, estabeleceu relações comerciais com o Institut Pasteur.

Poucos anos depois, Georgios K. visitara, em funções profissionais, Angola e Moçambique, e regressou por Lisboa,

O João Carlos que, nos diversos contactos em Paris, apenas mantivera com ele relações profissionais, e me falara da sua assertividade e do modo seco e duro de tratar de negócios, conheceu então um outro Georgios K., afável, falador, divertido, desejoso duma relação pessoal directa e amigável.

Veio cá a casa e acolhemo-lo em família, informalmente e com afecto.

Ele vinha encantado com os territórios africanos, e gabava, hiperbolicamente, a beleza das mulheres mestiças.

A vida de solteiro começava a cansá-lo e falava disso com o João Carlos, talvez estimulado pela harmonia que sempre reinou entre nós. Apetecia-lhe encontrar alguém que o libertasse das aventuras fáceis que – belo homem e com sucesso profissional – lhe completavam os dias de trabalho.

Em 1974, depois da revolução de Abril, voltámos a Paris e de novo nos encontramos: falávamos animadamente de política, de livros e do futuro das nossas terras. Ele ficara empolgado com a "revolução dos cravos", com a nossa liberdade, embora lhe contássemos que o futuro podia não ser tão risonho como podia parecer. Saímos juntos uma noite, ele acompanhado por uma "petite amie", uma parisiense *charmante*; porém, dizia ao João Carlos que estava farto daquela vida.

Em Dezembro desse mesmo ano foi a vez de a Grécia recuperar a sua liberdade e de Georgios regressar a Atenas, eufórico, e de assumir cargos de grande responsabilidade pública. Esteve sempre ligado ao PASOK, foi presidente do Conselho de Estado, e Ministro da Justiça em 96.

Mas voltemos a 1986: acabava de casar com uma jovem advogada, Thriani, uma mulher encantadora, e no nosso encontro celebrávamos a liberdade, o amor, a amizade e as belezas da civilização mediterrânica.

Enquanto eles trabalhavam fizemos uma excursão a Delfos onde a guia nos levava, à ida e à volta, a lojas para turistas, e onde fiquei com repugnância das ânforas gregas: o que num museu nos aparece como relíquia singular, preciosidade arqueológica ou paradigma de beleza, quando multiplicado por milhares, torna-se fancaria. Além das ânforas e das estatuetas, os Gregos cultivavam um turismo de baixo nível, reproduzindo em todos os tamanhos e feitios os motivos fálicos, como se fossem galos de Barcelos, numa pornografia barata e grosseira, do pior gosto.

Na excursão, o que menos importava era o santuário de Delfos, sobre o qual a guia nos disse o mínimo, limitando-nos drasticamente o tempo para subirmos à colina sagrada, onde se dispensou de nos acompanhar.

Aliás o João Carlos e eu fomos dos poucos que subimos até ao Estádio e ao que resta do templo de Apolo, recordando a vitória de Maratona, e imaginando os Gregos consultando a Sibila nos momentos críticos; a pitonisa, em transe, estonteada pelos vapores que brotavam da terra, proferia intrigantes oráculos que determinavam, para o bem ou para o mal, o futuro da cidade, incertamente formulado.

Num altar, em face das colunas do templo de Apolo, o que julgámos ser o altar de Quios, alguém tinha deposto uma rosa, sinal da memória imperecível e da atmosfera misteriosa que a proximidade do Parnaso obrigatoriamente inspira.

No fim-de-semana zarpámos para o Peloponeso, onde o casal tem uma casa na praia. Tomávamos banhos em águas transparentes e mornas, passeávamos, curiosos do panorama da costa, estivemos uma tarde no Syntagma da Nafplios, fizemos compras, cozinhávamos em casa, e conversávamos interminavelmente.

## ATENAS TRINTA ANOS DEPOIS

Maria Vitalina Leal de Mattos  
Universidade de Lisboa  
Sociedade Científica UCP

Numa das noites, assistimos a uma comédia de Aristófanes em Epidauro: Georgios levou a tradução francesa, preparámo-nos com uma leitura prévia, e foi comovente ter consciência de que, 2500 anos depois, naquele mesmo anfiteatro se perpetuava uma arte onde a nossa civilização comum mergulhava as raízes.

Epidauro maravilhou-me. A experiência de Atenas deixara-me decepcionada: o calor, a luz excessiva, a multidão, os turistas, os museus de pouca qualidade, os monumentos muito devastados dificilmente permitiam evocar o esplendor da cultura grega. As mais belas relíquias estão na Magna Grécia, na Sicília, que visitámos no ano passado, e na Ásia Menor, em Éfeso, Pérgamo, Esmirna, talvez também em Mileto.

Mas no teatro de Epidauro encontrei a Grécia essencial, única e disseminada. Aí e no mar. Nunca esqueço um dos banhos numa praia deserta quando uma chuva torrencial desabou sobre nós: era apenas uma maravilha mais, grossas gotas mornas que caíam em redor de nós e nos rochedos. Nem os pedaços de nafta que se confundiam com as pedras da praia podiam manchar a alegria total a que nos entregávamos. A alegria de estar ali, no mar, a rir sob a chuva, a rir simplesmente de alegria de viver.

Já não éramos muito novos. Mas sentíamos a vida à frente, estávamos juntos e felizes, em liberdade e com o futuro à nossa frente – promissor, fraterno, com a Europa que nos chamava e na qual depositávamos tanta esperança.

Os anos passaram. Georgios e Thriani tiveram dois filhos. Fomos mantendo um contacto esporádico por telefone e por *e-mail*.

Um belo dia recebemos um telefonema inesperado do Centro de Estudos Judiciários, convidando-nos para o almoço: o sr. Ministro da Grécia queria ver-nos! Custou-nos a acreditar: Georgios K., ministro?! e em Lisboa? Lá fomos, no meio de bastantes convidados; mas, à tarde, ele conseguiu libertar-se por um bocado e trouxeram-no a nossa casa, onde retomámos animadamente a conversa de sempre: novidades da família, política, sempre a política, a Europa, o futuro...

Entretanto a crise financeira abate-se sobre os EUA e propaga-se à Europa, como era inevitável. A Grécia começa a ser o caso mais problemático, do qual nos sentimos perigosamente perto, com os governos procurando distanciar-se.

Surge o Siryza: uma esperança? Uma ameaça?

Telefonamos repetidamente para Atenas e sentimo-los angustiados, furiosos com a corrupção que mina todo o tecido político, receosos da temeridade do jovem Tsipras que lhes parece um aventureiro irresponsável. Receiam o futuro já tão comprometido; sentem-se à beira da ruptura.

Como foi possível passar da sociedade próspera que conhecemos, embora superficialmente, onde eram célebres as fabulosas fortunas dos armadores, como Onassis, para o desastre que se abate sobre o país, fatal como uma catástrofe de tragédia?

A ocasião de uma reunião do João Carlos em Atenas foi o pretexto para uma breve viagem neste fim de Março.

Que alegria estar de novo com o casal, retomar esta amizade de há trinta anos! Era como se nos tivéssemos visto na véspera. As conversas, a partilha encheram-nos de felicidade. Ao chegar ao hotel, no primeiro dia em que com eles jantámos, o João Carlos disse-me *sinto-me feliz!* Acolheram-nos informalmente, com amizade calorosa, apresentaram-nos os filhos: a Sophie, com 30 anos, esteve presente por várias vezes, embora já não viva em casa dos pais; sempre ocupada, ao computador. Formou-se em Londres e fez em Paris *Sciences Po*: trabalha, neste momento, para uma fundação que vai ocupar-se especialmente das crianças refugiadas que ficaram sem pais; e talvez venha em breve a Lisboa, pois essa fundação colabora com a Gulbenkian.

O Kyriakos, que começou os estudos universitários em medicina, também em Londres; mas percebeu que não é a carreira que lhe agrada; está agora a fazer um mestrado em farmacologia estatística.

Ambos cultos, lindos, simpáticos. Mas ambos sem confiança no futuro.

## ATENAS TRINTA ANOS DEPOIS

Maria Vitalina Leal de Mattos  
Universidade de Lisboa  
Sociedade Científica UCP

Como é que só agora me dou conta, santo Deus! A confiança é tudo! Como hão-de casar, ter filhos, sem esse elemento de tal modo básico que, na nossa juventude, nem por ele dávamos; estava aí, fazia parte da vida, simplesmente.

Pertencem à alta burguesia, estudaram nas melhores escolas da Europa, vivem no bairro mais elegante de Atenas, num magnífico 8º andar, donde se vê a Acrópole iluminada, símbolo dum passado glorioso, que devia ser um farol, a apontar o futuro, o desígnio de reerguer a vida do país a esse nível...Mas os dois jovens, apesar da formação de altíssima qualidade e da pertença a uma classe confortavelmente instalada, estão atingidos pela doença dos pobres.

Os pais possuem o imóvel inteiro. Nos andares inferiores, estava sediado um banco, contou-me a Thriani; deviam ter um rendimento confortável. Com a crise, o banco foi-se embora; agora vivem sozinhos no prédio e perderam o rendimento.

Georgios trabalha ainda; a competência e a experiência rara em questões jurídicas fazem dele uma pessoa dificilmente dispensável.

A Thriani, reformada, muito culta, muito viajada, com uma sensibilidade estética de eleição, preocupa-se com os filhos e vê o futuro da Grécia de forma pessimista, sem qualquer esperança.

Vai publicar o seu primeiro livro de poemas. Falámos ambas, toda a noite, de poesia.

No dia seguinte, o João Carlos e eu fomos a um centro comercial; queria encontrar uma edição grega de Fernando Pessoa, de quem ela apenas conhecia o *Livro do Desassossego*. Numa livraria indicaram-me outra chamada "Péricles", próxima da universidade. Lá encontrei de facto uma boa selecção de textos de vários heterónimos e poemas da *Mensagem* sobre o mito e a realidade. Era justamente acerca destes que na véspera tínhamos longamente conversado.

Foi a única loja em que vi vários funcionários, e diversos clientes.

## ATENAS TRINTA ANOS DEPOIS

Maria Vitalina Leal de Mattos  
Universidade de Lisboa  
Sociedade Científica UCP

Aproveitei e perguntei por um cabeleireiro: havia um no centro comercial, no 1º andar, onde regresssei.

Aí estou, no 1º andar: um espaço deserto, sombrio, todas as lojas, com portas de vidro até ao chão, fechadas, numa escuridão assustadora.

Apenas o cabeleireiro tinha luz e uma pessoa, proprietária ou empregada, que esperava por clientes. E sou a única, tristemente a única. A cabeleireira lavou-me a cabeça e fez-me o "brushing", única palavra em inglês que conhecia. Agradei, paguei, fui-me embora. Não aparecera mais ninguém.

Uma desolação.

Nos primeiros dias, no hotel, com os companheiros do João Carlos, falávamos do que observávamos: não eram visíveis sinais de pobreza. Alguém explicou: o governo preserva esta parte central da cidade, para que a pobreza não seja perceptível.

Efectivamente, já em Lisboa, vi na televisão os refugiados amontoando-se em tendas no porto do Pireu, em Atenas.

Mas ali, à primeira vista, tudo nos parecia normal; estávamos num hotel de quatro estrelas, as diárias eram baratas. Mas tudo o resto, caríssimo: um chá, um café, uma refeição... preços muito mais elevados do que em Portugal; e servidos com uma falta de cuidado chocante; os Gregos, na generalidade, parecem desconhecer as normas essenciais de educação ou de delicadeza; num dos almoços, em grupo, tínhamos na mesa, um guardanapo, um copo, um garfo e uma faca; serviam um buffet. O vinho foi posto em garrafas, à nossa frente, como numa taberna, sem menção de o servir; para a sobremesa, se queríamos talheres, tínhamos de ser nós a procurá-los! E havia apenas colheres de chá. Serviço de cantina, nem mais nem menos.

No fim, alguém vinha perguntar se estava tudo bem. Estava tudo mal, para o preço que pagáramos, mas limitámo-nos a pedir café. De que servia protestar?

De resto, o hotel era agradável: um *lobby* enorme, movimentado, mas onde se podia ler descansadamente, porque, no nosso quarto, o frio enregelava. Pedi várias vezes que concertassem o ar condicionado. Tomaram nota, para inglês ver, mas fizeram ouvidos de mercador.

No último andar, havia um bar simpático e com vista sobre a Acrópole, mas à noite a iluminação era de "boîte". Dava para comer, mas ler era impossível.

Voltando aos sinais de pobreza: de facto não saltavam à vista; tudo parecia normal: um trânsito intenso, padarias e pastelarias cheias, muita gente na rua, o vestuário não aparentava carência.

Porém, num bairro periférico de vivendas com jardim, onde se situa um museu de arte moderna, encontramos metade das vivendas por acabar: paredes e separação dos pisos, aquilo que na construção civil se chama "os toscos"; abandonadas, fantasmas de projectos abortados.

E as casas concluídas pareciam deshabitadas; não se via viva alma; era noite, e não havia luz no interior. Um ou outro alarme pestaneja, mais nada.

Georgios, quando íamos a pé pela rua que dá acesso à sua casa, explicava: *estás a ver? Aqui, as montras têm as luzes acesas, porque neste bairro as pessoas ainda compram e as lojas não tiveram de encerrar; há luz, a rua está iluminada, não sentes medo. Mas no resto da cidade não é assim. As lojas fecharam, a iluminação das ruas é fraca, ninguém sai à noite, com medo.*

Comecei a olhar com outros olhos mesmo os arredores do hotel. As lojas que não tinham encerrado, estavam vazias, sem clientes; quando entrei numa ou noutra, verifiquei que havia apenas um funcionário.

Proliferam os quiosques, que vendem de tudo: desde os jornais (apenas em grego) até recordações turísticas, peças de vestuário, fanceria.



## ATENAS TRINTA ANOS DEPOIS

Maria Vitalina Leal de Mattos  
Universidade de Lisboa  
Sociedade Científica UCP

Comecei então a perceber que as pessoas almoçam na rua: por isso as padarias e pastelarias têm movimento; toda a gente compra um pedaço de *pizza*, um *croissant* com chocolate, ou qualquer outro "prato"; sentam-se nos bancos de jardim, num muro duma casa, ou, simplesmente, caminham enquanto comem.

Por isso, nos quiosques se vendem cervejas e refrescos, o que não acontece em Lisboa, ou noutras cidades "normais".

E no entanto, nos restaurantes que frequentámos com Georgios e Thriani, no seu bairro de nível superior, os preços eram baratos, mais acessíveis do que em Lisboa.

Entendi: a pobreza esconde-se, acanha-se, é envergonhada.

Se desceste um degrau na escala social não tens vontade de que os outros saibam, vejam, comentem.

Regressámos satisfeitos por voltar a casa, à nossa cidade onde a vida não é fácil, onde o desemprego fustiga as famílias, onde há muitas lojas que não se alugam, mas as que estão alugadas têm movimento. Uma cidade linda onde podemos sair à noite para o teatro ou para os concertos, onde há uma oferta cultural riquíssima, onde Alfama ou a Mouraria não nos assusta como a Plaka de dia, onde os táxis não nos roubam.

Uma vida onde não se desceu este degrau que se desceu na Grécia – o que faz toda a diferença.